

Casa das Humanidades

Escuta só pra Você Ver

Episódio 01: Helena Solberg reencontra Carmen Miranda

Helena Solberg O Brasil é machista. Eu acho que a sociedade, os valores, as próprias mulheres, acho que a educação que ela deu aos homens, ao filho homem também já não havia muita consciência do massacre que se poderia estar fazendo às mulheres.

Maria Ganem Olá, meu nome é Maria Ganem e você está ouvindo o episódio "Helena Solberg reencontra Carmen Miranda", da série Escuta só para Você Ver. Esta série foi criada somente com arquivos de áudio e tem como fonte principal as entrevistas de História Oral do CPDOC FGV. Neste episódio, a diretora de cinema Helena Solberg fala do processo de realização de seu filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business*, de 1995.

Trecho do filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Naquele tempo, moça que cantava em rádio não frequentava a sociedade. A sociedade repudiava. Era conhecido como o *Bafon, Bafon* do Rio.

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Eu me sentia curiosa a respeito desse mundo de jovens músicos, cantores e compositores tentando sobreviver. Era um mundo de homens no qual Carmen aprendeu a se virar muito bem. Esse mundo me fascinava.

Helena Solberg Eu não sei porquê o assunto Carmen Miranda apareceu. Eu acho que foi um pouco por causa do meu marido David, que era encantado pela Carmen. E, diz ele, que ele cresceu vendo desenhos animados de Carmen e ele não tinha ideia que ela era brasileira. Não tinha ideia do que aquilo era.

Carmen Miranda [South American Way] Ai, ai, ai, ai / É o canto do pregonheiro / Que com sua harmonia / Traz alegria / In South American Way

Helena Solberg Eu achei isso uma coisa curiosa, porque para mim havia um certo mistério, quer dizer, eu sabia... Eu me lembro que eu cheguei para minha mãe – nós

viemos ao Brasil para uma visita – e eu disse: “Eu vou fazer um filme sobre a Carmen Miranda”. Ela disse: "Minha filha, aquela criatura horrorosa?".

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Quando a Carmen morreu, eu era uma adolescente. Mas eu me lembro da multidão e da confusão nas ruas do Rio de Janeiro quando seu corpo chegou. Meus pais não me deixaram ir vê-la. Pessoas como os meus pais sempre acham que quando o povo sai às ruas, seja qual for o motivo, é melhor ficar em casa. Foi assim que eu perdi a minha única chance de ver a Carmen.

Helena Solberg Não há coisa pior do que você ouvir sua própria voz. Quando você grava sua voz, você fica "O que é isso? Não sou eu". Eu me lembro que eu ficava gravando com um gravadorzinho não sei quantas vezes, às vezes de madrugada, eu ficava andando por dentro de casa gravando, procurando uma coisa que era o tom. Eu tinha que acertar no tom, eu não conseguia até chegar um momento em que eu disse: "É esse. É isso aqui. Esse aqui é o meu tom". É uma coisa curiosa, porque esse personagem que sou eu e que fala no filme é um personagem, também, fictício. Assim, aquela primeira frase do filme diz, quando Carmen morreu “Eu não pude ir ao enterro, porque minha mãe costumava dizer que, quando o povo sai na rua, é melhor ficar em casa”, eu achei que aquilo já determinava esse dilema entre o personagem e o que certa classe de brasileiros pensava sobre ela.

Trecho do filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Alô, alô Brasil! A Cidade Maravilhosa e a cidade dos arranha céus novamente se colocam em contato, fazendo desaparecer a enorme distância que as separa pelo milagre moderno do rádio e pelo poder supremo da saudade. Para levar nesse momento a todos os brasileiros os sentimentos afetuosos de Carmem Miranda.

Carmen Miranda no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Meus queridos e saudosos amigos ouvintes do Brasil, boa noite! E os aplausos que eu escuto todas as noites na Broadway parece me o eco dos aplausos dos brasileiros contentes por ver o sucesso da sua música popular nos Estados Unidos, novamente digo que eu tudo farei para sempre corresponder às gentilezas do público da minha terra. Adeus, Brasil! Até a volta e *bye bye*.

Caribé da Rocha no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Naturalmente, nós, como bons brasileiros, achamos logo que a Carmen não tinha feito sucesso, apesar de todas as agências telegráficas dizerem que ela tinha marcado um sucesso fora do comum. Mas ninguém aceitou isso. E não se aceitou porque naquela ocasião, no Rio de Janeiro, no Brasil, samba era coisa de negro.

Helena Solberg Eu acho isso incrivelmente curioso, porque havia uma coisa, realmente, de classe, uma coisa assim... uma coisa sobre Carmen que... ela era considerada, não sei, vulgar. E que o público brasileiro achava – quer dizer, a elite brasileira – que era... uma vergonha aquela moça estar lá fora com aquelas bananas na cabeça, aquela coisa toda, cantando aquelas músicas. Isso me deixou assombrada, eu digo: "o que é isso?".

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Encontrei esse filme feito por um tio meu nos anos 20. Uma tarde no Jockey Clube. Carmen era uma menina crescendo no Rio nessa época. A família dos Mirandas e esses frequentadores do Jockey conviviam na mesma época, mas eram de mundos que raramente se encontravam. Essa é uma classe que tem os olhos voltados para a Europa, aonde compram suas roupas e de onde vêm também a maior parte de suas opiniões. Mas os tempos estavam mudando. O samba descia os morros e invadia as ruas da cidade. Carmen estava crescendo com ele.

Aurora Miranda no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Nesse tempo, então, ela começou a fazer chapéus para fora e tinha umas freguesas muito boas já, pessoas de sociedade que adoravam os chapéus que ela fazia. E uma delas disse: "Carmen, você cantaria numa festa que nós vamos fazer, que vai ser no Instituto Nacional de Música?". E foi aí que ela foi descoberta pelo Josué de Barros, que era um senhor. Disse: " - Vem cá, minha filha, o que você vai cantar?" "- Eu vou cantar 'Vamos, yo quiero un novio'". E: "- Aí io io / eu nasci para sofrer..." Bonito mesmo. E ele se encantou com ela e levou ela a Vítor para fazer um teste. O teste tornou-se o disco e foi um sucesso louco.

Carmen Miranda [Pra Você Gostar de Mim] Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim / Ó, meu bem, não faz assim comigo, não / Você tem, você tem que me dar seu coração!

Caribé da Rocha no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* A Carmen tinha um corpão muito bem feito. Ela tinha uma expressão corporal extraordinária e

principalmente dois olhos que pareciam dois faróis de automóvel. Eram dois negócios verdes deste tamanho e que quando ela abria aquilo e mexia com aqueles olhos, ela iluminava tudo.

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Quando ela estava no auge da sua popularidade no Brasil, lhe perguntaram do que ela precisava para ser 100% feliz. Ela respondeu: "Um bom prato de sopa e liberdade para cantar".

Helena Solberg Tinha de tudo. Quer dizer, é um filme, é uma história de vida que tem o arco dramático, tem tudo o que você quer. Quer dizer, uma menina pobre que veio de Portugal, tem uma ascensão vertiginosa, se torna uma princesa e depois a descida, a caída trágica.

Carmen Miranda [The Lady In The Tutti-frutti Hat] I wonder why does everybody look at me / And then begin to talk about a Christmas tree? / I hope that means that everyone is glad to see / The lady in the tutti-frutti hat

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Será que algum dia eu vou saber quem realmente ela foi? Por que é que ela deixou uma impressão tão forte? Para quem não a conheceu resta uma fantasia irresistível.

Helena Solberg Eu gosto de chamar ele de uma biografia afetiva, porque ela não é uma jornalista, não é uma coisa assim... eu não estou interessada só nos fatos. Junto, ali no assunto de Carmen, diversas coisas que me interessavam como: a questão da mulher; a questão da relação Estados Unidos e os outros países da América do Sul, no caso; e uma outra questão que era da tradução, de você ter que se traduzir quando você vai para fora e você tem que agradar ao estrangeiro ou procurar se explicar. E essa coisa da explicação é uma coisa muito cruel, porque você se perde nela, também, alguma coisa não passa.

Helena Solberg No caso dela, houve uma leitura errada, quer dizer, eles viram nela uma pessoa hilária, porque eles não entendiam nada que ela cantava, porque eles não entendiam o português. E aquilo fixou uma certa caricatura.

Trecho do filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Meu muito querido, Almirante. Aí vai uma cartinha contando-te que a tua amiga, segundo os jornais, é a grande sensação da Broadway. A minha estreia foi algo indescritível. Eles não entendem patavina do que eu canto, mas dizem que sou artista estrangeira mais sensacional que até hoje apareceu aqui.

Helena Solberg Carmen era aquela mulher de um talento extraordinário. Aqui, no Brasil, ela já tinha uma vida profissional, ela já tinha sido um sucesso estrondoso e, de repente, ela chega lá e é uma coisa, assim, uma infantilização, uma coisa, assim, de uma palhaçada, sei lá o que, que foi me doendo demais. Eu não podia olhar.

Carmen Miranda [*Tico-Tico No Fubá*] O tico-tico tá, tá outra vez aqui / O tico-tico tá comendo o meu fubá / Se o tico-tico tem, tem que se alimentar / Que vá comer umas minhocas no pomar / O tico-tico, o tico-tico tá, tá outra vez aqui / O tico-tico tá comendo o meu fubá / Se o tico-tico tem, tem que se alimentar / Que vá comer umas minhocas no pomar / Mas, por favor, tire esse bicho do celeiro / Porque ele acaba comendo o fubá inteiro / Tira esse tico de cá, de cima do meu fubá / Tem tanta coisa que ele pode pinicar...

Helena Solberg A gente não tinha imaginado como ia ser um filme caro, por causa justamente das imagens, principalmente, da *20th Century Fox*, porque eles cobravam – dos filmes de Carmen, de Hollywood – oito mil dólares o minuto, o minuto de imagem, e passava um minuto, já era oito outra vez. Então, era muito curioso depois que o filme foi lançado, que às vezes eu ia falar em lugares para apresentar o filme, as pessoas perguntavam “Mas por que não deixava aquele *take* rodar mais? Podia ter mais...” Não podia, entendeu? A gente ficava contando a grana ali na mesa de montagem, quantos minutos eram. Foi muito difícil. A gente não tinha ideia, no momento que a gente estava fazendo, de como ela era popular. A gente botou anúncios em jornais no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos, pedindo a quem tinha tido algum contato com Carmen ou tivesse algum material dela, que entrasse em contato conosco. Choveu gente, mas era uma loucura. As pessoas mais malucas que você pode imaginar. Tinha um australiano que fez a *Carmen Miranda Forest*, ele tinha uma floresta... Tinha muita gente maluca, ela atraía malucos. A gente teve que dar um basta, porque isso começou a ficar impossível, era gente demais. Inclusive, esse inglês que casou com uma mulher chamada Carmen e deu o nome da filha dele Carmen Miranda, e que tinha na casa dele uma sala Carmen

Miranda, a sala inteira com fotos de Carmen, está no filme. Nós entrevistamos ele no filme, fizemos uma piada com ele, fizemos o Eric Barreto sair de repente de trás da televisão que ele estava assistindo o filme e fingir que a Carmen se reencarnou outra vez para ele.

Ivan Jack no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Speaker 1: I tried to find a girl in real life that looked like Carmen Miranda, but of course I could never find one. So, when I did marry – I married at 19 years of age – I did try to turn my wife into Carmen Miranda. I also had a daughter, which I named Carmen Miranda, and also, I had a tattoo put on my arm with her name and her image.

[Tentei encontrar uma mulher na vida real que se parecesse com Carmen Miranda, mas é claro que nunca consegui encontrar uma. Então, quando me casei – casei aos 19 anos – tentei transformar minha esposa em Carmen Miranda. Também tive uma filha, que chamei de Carmen Miranda, e também fiz uma tatuagem no braço com o nome e a imagem dela.]

Carmen Miranda [*I like you very much*] I, I, I, I, I, I like you very much / I, I, I, I, I, I think you're grand...

Helena Solberg no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Um avião se aproxima do rio, a cidade maravilhosa da infância e adolescência de Carmen e também dos momentos mais mágicos de sua juventude. Ela foi levada ao aeroporto nos braços do seu médico, como uma criança chorando sem parar. Ele recomendara que ela voltasse para casa, para sua gente, para o seu país, para que pudesse melhorar. Como sempre, muita gente a esperava. 14 anos haviam passado. Ela havia se arrumado antes do avião aterrizar. Ela queria parecer bem. Era outra Carmen. O que haviam feito com ela? O que ela havia feito consigo mesma? A passagem dos anos por si só não podia ser responsável por tamanha devastação em seu rosto. Levada para um hotel, ela ficaria isolada durante muitas semanas, só podendo ver sua família por ordem severas do seu médico. Sofrendo de depressão aguda, ela tinha crises de ansiedade cada vez que via da janela o mundo a sua volta.

Estela Romero no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* El era un pouco duro com ella cuando estavan solos. El era una persona que le se desgustava facilmente

y se irritava y expressava a su irritacion fisicamente a veces, sabe? Com ella no con los otros, solo con ella.

Aurora Miranda no filme *Carmen Miranda: Bananas is my Business* Ele casou com ela com muito interesse nela, entendeu? E ela não percebeu porque já não tinha mais o Aluísio, não tinha mais aquela mão boa que dava a ela. Carmen ficou muito doente depois do casamento. Ela vivia muito, com muita depressão.

Helena Solberg É engraçado, porque no final do filme – vou pular para o final, porque faz sentido em relação à minha mãe – eu tinha escolhido o Eric Barreto para fazer a Carmen inventada por Hollywood e o Eric... Filmamos aqui nessa varanda uma cena em que ele estava dançando e a gente jogou bananas pro alto e filmou as bananas com ele e tal. E minha mãe veio aqui pra cima – ela já estava bem velhinha com a enfermeira – e quando ela viu o Eric, ela achou ele lindo e disse: "Mas que lindo?" E aí, o Eric, com muito jeito – ela já estava meio esclerosada – abraçou ela e eu filmei, eu incluí isso no filme, porque havia sido quase que uma... quer dizer, que foi uma reconciliação de mamãe com a Carmen e a minha com aquela história toda.

Carmen Miranda [*Chica chica boom chic*] O meu ganzá faz Chica chica boom chic / Pra eu cantar o Chica chica boom chic / Com a canção do Chica chica boom chic / Meu coração faz Chica chica boom chic [...] É brasileiro o Chica chica boom chic / Com um pandeiro fazendo o Chica boom chic / E para terminar o Chica chica boom / Vocês devem cantar o Chica chica boom...

Helena Solberg Quando nós chegamos aqui no Brasil, com uma cópia embaixo do braço, nós não tínhamos visto ainda o filme projetado em tela grande e fomos direto para Brasília – que era o Festival de Brasília – e chegamos atrasados ao festival. O festival já estava praticamente consumado, já haviam apostas de quem ia ganhar, tinha um filme lá que era o preferido. Nós chegamos morrendo de medo. Arrumou-se lá uma projeção, acho que ele foi o último filme, para fechar o festival e foi uma coisa, foi impressionante, as pessoas aplaudiam o filme no meio, se levantavam, gritavam e nós ficamos perplexos. E ganhou o festival. E aí ele teve... ele foi apresentado em Nova Iorque, no Museu de Arte Moderna – eu acho –, depois, ele entrou em cartaz. Ele entrou em cartaz no Film Forum, em Nova Iorque e ele entrou em cartaz em todas as cidades americanas, em todos os cinemas de arte.

Maria Ganem Esse episódio usa trechos do filme *Carmem Miranda: Bananas is my Business*, de 1995, de Helena Solberg. Usa ainda trechos de músicas da cantora Carmem Miranda. A série é uma pesquisa de pós-doutorado orientada pela Thaís Blank e desenvolvida no Núcleo de Audiovisual e Documentário do CPDOC, com apoio da CAPES. A concepção, a pesquisa e a montagem são de Maria Ganem. A edição de som é de Gabriel Martinho.